

DURÃO, Fabio Akcelrud (Ed.): *Culture Industry Today*, Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. 181 p.

Uma coletânea nem sempre é um empreendimento de sucesso, seja ela de um único autor, mais ainda quando se trata de diversos. Com alguma frequência os volumes dessa natureza compõem-se de contribuições díspares em conteúdo e qualidade, decepcionando o leitor mais exigente, aquele que espera de cada texto uma reflexão nova sobre o tema ou, ao menos, um comentário correto sobre a questão em pauta.

Não é essa a situação do ótimo livro organizado por Fabio Akcelrud Durão, *Culture Industry Today*, publicado em 2010 pela Cambridge Scholars. Durão, que é professor de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil, reuniu oito ensaios e uma entrevista, de diferentes pesquisadores que, sob a rubrica geral do enfrentamento da atualidade do conceito de indústria cultural –e de sua fecundidade crítica– dedicam-se a distintas questões contemporâneas. A crítica do presente, com inspiração na analítica de Theodor W. Adorno em colaboração com Max Horkheimer em *Dialektik der Aufklärung* (1944, 1947/1997), é a força gravitacional que imanta o material reunido no livro.

Indústria cultural é um conceito simultaneamente crítico e irônico, não podendo ser entendido se essa dupla chave for desconsiderada. Se um conceito é também a história de sua recepção, não é o caso, no entanto, de dizer de indústria cultural como termo “neutro”. Quando pela primeira vez se anunciou a expressão, tratava-se de analisar um processo de mudança no interior mesmo do capitalismo que, no entanto, não viu sua estrutura ruir. Ao contrário, encontrou solução de continuidade: na guerra, no capitalismo monopolista. Captar esse movimento do ponto de vista de uma dialética do esclarecimento em sua materialização na cultura e seus destinos foi a genial investida de Adorno e Horkheimer.

Falsa reconciliação entre particular e universal, os esquemas da indústria cultural são a *antiexpressão* estética, a anulação malévola da tragédia, a fazer par com seu duplo, o totalitarismo político. O conceito enlaça também as disposições psicossociais afeitas ao consumo e à submissão à forma mercadoria, desta vez não apenas no registro da estrita organização do trabalho.

Indústria cultural tem sido um conceito aqui e ali desacreditado como anacrônico, se considerarmos o que representantes dos *Cultural Studies*, como Jesus Martín-Barbero, ou ortodoxos como István Mészáros, eventualmente escrevem. O

rótulo de "elitista", que surge quando a crítica é quase nada substantiva, mas apenas adjetiva, persegue Adorno.

Se a indústria cultural segue onipresente como mediadora universal e perversa na sociedade contemporânea, resta saber como ela opera e, simultaneamente, o que desse conceito sobrevive, já que “interpretar o mundo de modo novo” seria, nos termos propostos por Detlev Claussen, em seu *Das Veralten der Kritischen Theorie*, imperativo para uma Teoria Crítica da Sociedade – uma vez estando ela, como produto histórico do século vinte, superada. Esses são, e certa forma, os desafios do livro em tela.

Logo no início do primeiro capítulo, Robert Hullot-Kentor oferece o tom para o jogo, ao colocar sob o mesmo prisma a dinâmica autocontraditória do conceito de indústria cultural e o impulso à conservação de si. Ao fazê-lo, adianta o tema do segundo capítulo, também de sua autoria.

(...) if *culture*, when it is culture, is what potentially goes beyond self-preservation; and if *industry*, meaning considerably more than a device of manufacture, is what reduces this potential to the task of survival, then the *culture industry* –as the production of culture by industry– is the reduction of all that does and could go beyond self-preservation to nothing more than life lived in the violent struggle for survival. The manufacture of *culture* as the production of *barbarism* is the *culture industry*. (p. 12)

Os dois capítulos subsequentes tratam da especificidade da mídia, talvez a face mais visível e eloquente do fenômeno da indústria cultural, mas que não pode ser sinonimizada com ela. Heinz Steinert analisa a indústria cultural como parte de um processo de dominação total, em que o entretenimento exerce importante papel, mas de forma alguma é sua única dimensão. As “mercadorias intelectuais” teriam nesse contexto um lugar fundamental. Uma tremenda ironia, intrínseca aos *esquemas da cultura de massas*, surge como arremate no texto de Steinert (p. 70): “There is one redeeming quality of ‘culture industry’: it is so indifferent to contents that it will, on occasion, even let the truth pass.”

Yoshikazu Takemine, por sua vez, retoma as reflexões de Adorno sobre a televisão, indicações algo datadas pelos limites que davam forma a esse aparato quando da escrita dos textos, mas, simultaneamente, potentes exercícios analíticos a mostrar a materialidade da indústria cultural em um dos seus mais poderosos veículos. Takemine logra um duplo êxito: escava ensaios menos discutidos de Adorno e ver-

sões preliminares do capítulo de *Dialektik der Aufklärung*; destaca o caráter anti-iluminista da *Kulturindustrie*, ao elaborar uma ampla reflexão que toma como base aqueles textos, somando-os à análise de Adorno sobre a propaganda fascista, ela que dá o traçado *unificador* entre indústria cultural e totalitarismo.

Rodrigo Duarte advoga as categorias construídas por Horkheimer e Adorno para a crítica imanente da indústria cultural na Europa e nos Estados Unidos da América, com o objetivo de compreender os mesmos processos no Brasil, onde, pelo menos como forma, a produção do entretenimento de fato alcança patamares semelhantes aos do Hemisfério Norte. Entre as categorias centrais de análise, a expropriação do esquematismo seria o seu coração; em seu lugar, os esquemas fetiches da indústria cultural. Com dados sobre a produção e o consumo do entretenimento em seu entrelaçamento com a vida política do século vinte, Duarte escreve uma interessante análise que é sobre seu país – onde fenômenos como o rádio, a televisão e a internet têm presença maciça –, mas, ao mesmo tempo, sobre a fortuna crítica frankfurtiana.

É considerando as reflexões feitas por Adorno sobre a prefiguração da consciência pela indústria cultural e a permanência da tensão entre individual e particular no sujeito –*a partir de uma vida danificada*–, que Shierry Weber Nicholzen elabora seu texto. Trata-se de pensar a sociedade contemporânea e a psicanálise em seus labirintos, mobilizando conceitos como os de “sociedade pós-emocional” e “visão binocular”, frente aos ardis reificadores da sociedade administrada. Nicholzen encontra em Adorno a dimensão da paixão no pensamento, potência que lhe oferece singular efetividade.

Um instigante conjunto de reflexões sobre o tema do amor em Adorno, tomando como ponto de partida o contexto de ofuscação (*Verblendungszusammenhang*) no qual ele se coloca na sociedade administrada, e como uma espécie de eixo o aforisma *Constanze*, de *Minima Moralia*, é a contribuição Gerhard Richter. Não por acaso, o autor evoca Hans Magnus Enzensberger e seu conceito de *consciousness industry*. A fidelidade como opressão, que encontra aspectos da biografia do próprio Adorno, mas também suas assertivas sobre a indústria cultural e as demandas pulsionais reprimidas, a exemplo do Pato Donald, mostra-se como elemento fundante da sociedade administrada.

Uma reflexão sobre o conceito de indústria cultural a partir dos *Grundrisse*, de Marx, constituiu o texto de Johathan Dettman. Trabalho crítico que mobiliza a

natureza social do conceito de cultura e formas com as quais Adorno com ele opera, estrutura-se a partir do conhecido argumento de Moische Postone sobre a tópica frankfurtiana. A contribuição de Dettmann é uma peça que coloca sob tensão o conceito de indústria cultural a partir da noção de consumo esboçada por Marx.

O livro se conclui com uma conversa entre Durão e Robert Hullot-Kentor sobre vários temas, entre eles a história política nos Estados Unidos da América. Vale a pena citar, como arremate a esta resenha, um comentário de Hullot-Kentor sobre a falência da educação e suas impossibilidades políticas. Sobre aquilo que Adorno certa vez nomeou como *Halbbildung*:

High school and college students now graduate from these institutions considerably impeded in their ability to write. This is of national concern. All kinds of screws are being tightened both on students and on teachers to somehow get the students to write coherently. Draconian plans are being made to fix our “dysfunctional educational system,” that is, to effect a cure by inflicting undilutedly what is doing the damage in the first place. But education cannot resolve the problems. No amount of education could keep George Bush, a graduate of Yale, from speaking in stream of consciousness solecism and referring from the national podium to “childrens.” Every sentence poses the problem of the relation of the one and the many, but the capacity to set this relation right is not within language’s grasp. What we are watching happen to English right now bears comparison to the dissolution of Latin in the early Middle Ages after the collapse of Rome, whose social structure organized the language and maintained its grammatical order. To fix the schools, to help students write, it is the stupidifying social conflicts that must be addressed – as the problem of the common good. (p. 162).

Culture Industry Today é livro essencial para nos ajudar a seguir pensando.

Alexandre Fernandez Vaz¹

alexfvaz@uol.com.br

¹ O texto insere-se no programa Teoria Crítica, Racionalidades e Educação III, financiado pelo CNPq.